



*Fundado no Sesquicentenário da  
Batalha do Seival*

# **O GAÚCHO**

ÓRGÃO DE DIVULGAÇÃO DAS ATIVIDADES DO  
INSTITUTO DE HISTÓRIA E TRADIÇÕES DO RIO GRANDE  
DO SUL

## 20 anos do IHTRGS

**Ano 2006**

**Nr 35**

### **BOAVENTURA FERREIRA – VAQUEANO**

*Juarez Nunes da Silva(\*)*

O tempo que nos faz costado, por certo é remédio para muitos males. Para uns viventes, é lenitivo pras dores das pisaduras deixadas no lombo, que carregou pares de anos; para outros, é uma carreira perdida campeando regalos. Mas, há aqueles que o tempo é uma fieira de madrugadas, que pouco importa a quantia, mas que a cada aviventar do trafugueiro no fogo de chão, para o primeiro mate da aurora, ele sente que o tal tempo poderia levá-lo apenas embuçalado, mas livre para poder manotear se fosse preciso, pois o que derruba as taipas de pedra não é o tempo, mas os coriscos do céu. Pois, entre estes tauras, havia Boaventura Ferreira, um homem rústico que nem porteira, pegado assim no campo sem grosear os cascos, mas direito como listra de poncho. Era morrudo como touro alçado e tinha a tez e os olhos claros. Sempre bem vestido, quase sempre com seu pala, todo pacote, era notado por onde cruzava.

Boaventura Ferreira se criou lá para os lados de Cambará do Sul, mas não tinha paradeiro certo, se dando mais a levar uma vida de vaqueano, debaixo do seu chapéu. Viveu nos tempos que a “gravata colorada” enlameava as carquejas dos campos com sangue. Aliás, não era bem o que ia dizer, mas os corredores viviam assinalados do banditismo daquela época, com marcas de desrespeito semeadas pelas coxilhas, como nas cercas de arame cortadas a facão, gado carneado e retirado só o costilhar e, volta-e-meia, algum trabuzana jogado em alguma várzea, pastoreado pelos corvos, beneficiado por algum pica-pau castilhistas - quase sempre levavam a fama das degolas do lugar. Mas, Boaventura Ferreira não tomava partido da “revolução” para que pudesse preservar o legado dos seus ancestrais, que era buscar aquilo que a razão mandava, o que era certo e honesto, nem mais, nem menos.

Naqueles idos, os donos das “pelegas” estavam com os seus “ter” dentro dos alambrados. Ou se era fazendeiro, ou peão destes, ou então, seguia o seu rumo como um tapejara, sendo patrão do próprio destino. Boaventura Ferreira era um destes últimos, e seus ouvidos não estavam afeitos a receber ordens. Portanto, por ser vaqueano e dono do seu destino, se ajustava a comitivas de tropas que cruzavam pela serra. Há quem diga que sabia contar quantos cupinzeiros haviam por aqueles pastos. Se tivesse carneação, marcação de gado ou castração de touro, não considerava uma changa, mas diversão, chegando até obrar pelo gosto de saborear uma costela assada ou bagos na brasa. Era um homem de poucas palavras, a não ser quando assuntava com paciência aos moços e, aos mais velhos, mostrava o consentimento ou a contrariedade apenas no olhar, que era como a luz do sol que atravessa num “upa” a água do açude. Poucos o viram sorrir, mas é certo que, no retrechar das tropas, deve ter rido de si mesmo, nos “recuerdos” que lhe avizinhavam a memória. Preferiu cruzar os dias sem muitos aprochegos com os viventes, pois como diz o ditado: *“é mais fácil andar de pés descalços entre caraguatás, do que caminhar a trilha do diz-que-diz, onde o boato planta fatos e a malícia colecciona espinhos”*. Não lhe agradava assistir índio retovado, levantar grimpa por “poca cosa”; evitava meter-se em engrólios, mas se houvesse “percisão”, sovava a tala do mango. O que lhe deixava como cruzeira na cria era assistir atos de injustiça.

Mas, na carreira do tempo, sempre há os desafios. Certa feita, Boaventura Ferreira acabava por terminar uma empreitada de levar umas cabeças de gado de uma invernada para outra, e resolveu ir até o bolicho da vila, “pramode” fazer o seu sortido e cambiar para os vícios do dia-a-dia. Ao chegar à frente do rancherio, montado num picaço quilinado, daqueles de se lavar com um bochecho d’água, sentiu o cheiro de gangolina no ar. Enquanto prendia o animal no varejão do amarrador, presenciou três índios maulas empurrando um negro velho ensangüentado da soleira da porta para fora do bolicho, ao mesmo tempo que lhe açoitavam a cara, atracados como porco em lavagem.

Aquela covardia lhe deixou azedo como pêssego do mato. Enrestado da barbaridade que se passava, com muito jeito pediu que acabassem com aquela injustiça. Foi como acoar em sombra de corvo e quem está montado na razão, não precisa de esporas e já foi alçando o mango pela tala, deitando roça nos aspas-tortas, que afocinhavam o chão a trompaço de argola. Os boca-brabas se emulitaram dentro do bolicho e quando Boaventura cruzou o baldrame, eles se oitavaram no balcão e sacaram das xerengas. Quem mete cavalo em passo cheio, está sujeito a nadar e a “cosa” ficou osca: a argola do mango provocou sérias pisaduras na cara dos aruás que não afrouxaram o cogote na primeira palanqueada e o entrevero evoluiu pra um quebra-quebra que o bolicheiro sumiu como umbigo de gordo. Por final, Boaventura Ferreira frouxou a tamina de mango e deixou que os troviscados se fossem à la cria.

Pois, as pelegas que reservara para cambiar uns munícios ele acabou deixando pro bolicheiro por conta dos estragos. O negro velho? Bateu a plumagem e nem deixou rastro. Mas, quando o lamaçal do chiqueiro é grande, é sinal que o porco é taludo. Não é

que aquela peonada era de um tal de Onório Lamão, um fazendeiro proprietário de algumas sesmarias de terras, algumas compradas, outras tomadas, e pra encurtar o relato, homem que devia se evitar dar as costas de tão ladino. Pois enquanto a galinha lambe a orelha, o tal Onório já sabia do assucedido e, inquizilado, prometia de retovar de brasino a paleta do Boaventura.

Bueno, cavalo de campo não bebe água em balde e nem se atola em tremedal pra matar a sede. Boaventura Ferreira de nada temia, mas mantinha tenência ao cruzar caminhos de escoteiro. Levava sempre ao alcance do palmeio os instrumentos para rudes cirurgias ou tratamentos pra “afastar encostos” de quem precisasse: a faca de palmo e meio, um legítimo ‘schimitão’ que soltava línguas de fogo de meia braça e o mango de tala mui sovada. Mas o tempo se ia a galope e cada vez mais os relatos que devia ser de somenos importância sobre a surra que os peões levaram no boliche, fugiam dos conformes, ganhavam novos enredos e se encobriam de peleia desumana: Boaventura já estava prometido de morte pelos peões de Onório Lamão.

Mas, os marcas-borradas andavam nos garrões de Boaventura, mas não conseguiam agaturrá-lo, e nem por isso ele deixava de ir e vir pelos corredores, montado no seu picaço de cola comprida, que movia as patas traseira e dianteira do mesmo lado, atravessando, numa marcha de cavalo de general: uma estampa que dava bonito retrato. Pois, a coisa ia indo assim, não fedia e também não tinha bom cheiro, como bosta de pomba. As carreiras tinham escasseado, pois a “revolução” dos pica-paus e maragatos tinha arrebanhado a peonada que sabia montar. Restava ao picaço, que também era bueno de carreira, só as lidas das tropeadas.

Eis que logo anunciaram a tão esperada Festa de São Roque, padroeiro de uma paróquia lindeira dali. Chegado o dia da tal festa, era hora de parar um pouco de pelar mondongo e entreter as meninas dos olhos. Então, Boaventura Ferreira foi se chegando como pastor de zorrilho, cuidando de longe aquele povaréu feliz, como se tomassem mate com rapadura.

Boaventura era mais conhecido que marca de fazenda velha, e tinha o respeito que precisava. Bombeou para os quatro ventos e não viu ninguém da tal pandilha do Onório. Engraxou a faca numa costela gorda, dobrou o cotovelo a vontade, presenciou os carteados de truço, mas não quis fazer costado, para não se enredar nas quartas. Naquele dia, estava com o semblante pronto para gavionar. E o que é bom deu início num ronco de cordeona de voz trocada. Gaita e prenda é uma combinação falquejada nos galpões do céu. Tratou de campear uma chirua e a sorte não lhe foi madrasta: tava ali uma caficha e fachudaça prenda, ansiosa para o prazer de uma contra-dança. Tal qual um feitiço pinchado no peito, Boaventura foi aliviando o pala. Em seguida, aprumou o nó do lenço maragato, ajeitou a prateada do lado esquerdo, entregou o ‘schimitão’ e o mango para o bolicheiro guardar, afilou a ponta do chapéu com as duas mãos, e se foi, pisando bem ensebadas botas lajeanas em direção àquela criação bem feita de Deus. Foi feitiço duplo, pois a menina-moça ficou a mirar aquela estampa bem apresentada de chirú, vindo em sua direção em “tilins” cadenciados das “chilenas”. Numa conversa de improvisado, como tento de arame, já enlaçou a pinguancha e saiu numa rancheira

valseada. Foi amor à primeira vista. Com os sorrisos engessados, eles dançaram muitas marcas. Talvez tenha sido a única vez que alguém viu um sorriso no rosto de Boaventura Ferreira.

Numa tomada de “forgo”, saíram a caminhar por volta do salão da paróquia até que chegaram num rústico galpão. E os desejos são maiores que a vontade e os dois se emulitaram ali pra dentro, transformando aquele rude abrigo numa alcova de amor por poucos quartos de hora. Mas se o Diabo não comparece na festa, pelo menos envia essência de enxofre pra não ser esquecido. Pois não é que a prenda era a filha querida do tal Onório Lamão? E não é que a peonada do Onório havia recém chegado à festa e enxergaram o Boaventura com a filha do patrão, ladeando a cerca de uma lavoura de milho?

Boaventura também os viu e não se apertou: cumprimentou-os, de longe, gestualmente. Ginete que não se apruma nos bastos, descamba pro chão, e foi se indo ao bolicho recolher o ‘ferramental’ que pedira pra guardar. Bueno, a festa pra ele estava no arremate e não era dia de carneação pra sentir cheiro de sangue. E pra findar os assunteios, se foi saindo com um “até mais ver” prá linda prenda que acabara de ter como sua.

O que era bom, já havia terminado há muito tempo. Onório Lamão ao saber do acontecido ficou mais sem graça que vaca encilhada. Passado uns pares de lua, o enxofre do tinioso fazia o seu efeito: a prenda ficou prenha do Boaventura. Aí sim, Onório ficou mais contrariado que gato a cabresto. Mandou fazer um rancho nos fundos das suas terras e lá internou a prenda embarrigada, que chorava de arrancar soluços das pedras. Exigia agora, que mandassem o Boaventura para a internada do nunca mais.

Boaventura Ferreira soube do ocorrido e ficou invocado tal qual cusco que lambeu graxa. Aguardava o momento de correr o marfim. Daquele dia em diante, seus sentidos se voltavam para aquele fundão de sesmaria – muita coisa dele estava lá e ele não tinha como chegar.

Mas deixa estar que, numa comitiva que fizera parte até Tubarão, soube por um gurupi que chegara uma tropa de gado de Onório Lamão. O capataz da tal tropa, de marca quente, alardeou que ia ficar de campana na subida da serra para apanhar o perseguido. Boaventura ficou a trocar orelhas e não deixou a sua sombra esfriar a terra: se foi serra acima e ficou à espera do tal, calmo como água de poço, esperando o laço do balde. Horas correram e o capataz apareceu. Boaventura se postou na sua frente e foi direto: “Tô aqui, vivente!” e disparou um tiro certo no meio das ‘idéias’ do tal e já tratou de enterrar a casca do infeliz.

E foi assim por uma pontada de anos, dando mangaços aqui, disparando lobunas ali e o perigo começou a mermar, que até parecia já ir para o esquecimento. Desde o encontro com aquela prenda, Boaventura andava como cotiara que perdeu o veneno – lhe faltava algo: o brilho do rosto dela e o desejo de ver o fruto daquele amor, que estava impedido de ver. Eis que num baile de ramada, para afogar as mágoas, acabou num relambório com duas “pelos largos”. A meia-guampa, ele seguiu com elas

para uma tapera velha. É certo que não houve descuido, mas ele foi seguido pelos peões de Onório. Boaventura Ferreira por certo não descuidaria, se não quisesse. Talvez fosse a hora de por fim aquela acoria louca que lhe tomava o peito.

Era um anoitecer igual a qualquer outro. Enquanto o capim ondulava como trigo maduro sob o vento, os calaveiras enfiaram as pontas das comblains de carregar pela boca pelas frestas da tapera e dispararam uma carga de fuzilaria contra Boaventura e as gurias. Tudo ali terminava antes de terminar. Depois de muitas horas, conhecidos se aproximaram do local e de lá tiraram os corpos sem vida.

Boaventura fora enterrado envolto num couro de boi brasino, quem sabe por que também brasinou o tempo do seu jeito, sob uma cruz de camboim falquejada. Boaventura Ferreira nunca se abateu diante do perigo ou se afrissurou ante ao abatesma da perseguição injusta. Era um homem de um tempo difícil e seguia o seu próprio tino, sem se apartilhar com patrão ou facção política, sobrevivendo a miles desavindos, por que tinha cerne de inhadvá.

A árvore foi abatida, mas deixou o aroma correndo pelas gargantas dos aparados, mais a semente no seio daquela prenda que foi exilada nos fundos da sesmaria. Os frutos se espalharam na sua descendência, levando a essência do seu cerne, como lascas do mesmo pau. A memória de Boaventura Ferreira é lembrada nas atitudes e no semblante daqueles que levam o seu nome. Um Ferreira que dali descende demonstra a disciplina do patriarca; apego pelas coisas simples; respeito e humildade, mas firmeza nas decisões; gosto pela vida alegre, mas respeitosa; apego à verdade e justiça; forte sentimento solidário e mais que tudo, um amor desmedido a terra-mãe. Quiséramos ter nossos campos povoados com gente desta cepa forte, como o de Boaventura Ferreira – quiçá o Uruguai ainda seria uma invernada riograndense.

Concurso Literário Gaúcho – ENART 2006  
Modalidade Conto – PREMIADO 2º LUGAR

(\*) O autor é nascido a 27/03/61, em São Francisco de Paula – RS. É Administrador de Empresas, com bacharelado em Ciências Contábeis pela UCS, pós-graduado em Controladoria financeira e custos. É capitão R/2 do EB (arma de artilharia). É membro da ADESG, da AHIMTB, do INSTITUTO DE HISTÓRIA E TRADIÇÕES DO RGS, do Conselho Diretor do MTG e Sócio do CTG IMIGRANTES E TRADIÇÃO de Caxias do Sul – RS. Autor de diversos projetos culturais no âmbito do MTG. Pesquisador, palestrante e divulgador de matérias sobre usos, costumes, tradição, folclore e história do RGS, nos jornais, tv e rádios locais. Premiado em 4 edições do ENART na modalidade “Conto Literário Gaúcho” e ‘Causos Gauchescos de Galpão’. Foi representante da delegação gaúcha no FEFOL 2003 (festival de Folclore) de Olímpia – SP, como palestrante (matéria publicada na edição do FEFOL). Integra a Equipe de Avaliadores do MTG para concursos Estaduais de Prendas e Peões Farroupilhas do RGS. Foi Patrão, Coordenador de invernadas, conselheiro do CTG, da 25ª RT, coordenador cultural e atualmente dança na invernada veterana (do qual é fundador) do

CTG Imigrantes e Tradição. Recebeu as menções: Diploma “João de Barro”, outorgado pelo MTG; Medalha do “Mérito Farroupilha”, do Instituto de História e Tradições do RGS; Título de “Peão de Honra”, do CTG Heróis Farroupilhas; e Título de “Patrão de Honra”, do Recanto da Tradição do 3º GAAAé.

#### Pequeno glossário de termos gauchescos usados no texto

Abantesma – fantasma, assombração; Acoar – latir, ladrar; Afrissou – de afrissurar-se, apressar-se; Agaturrar – agarrar, apanhar; Á la cria – ir embora, fugir; Aproximos – relações, contatos, convivência; Aruá – indivíduo brigão; Baldrame – nas construções: peça de madeira colocada sobre os alicerces para o apoio dos barrotes do assoalho; Botas lajeanas – feitas em Lajes, SC; Brasino – em brasa, vermelho; Bueno de carreira – bom de corrida de cavalo, veloz; Caficha – bonita, vistosa, linda; Calaveira – viciado em jogo de azar, trapaceiro; Changa – pequeno trabalho, biscate; Chirua – china, cabocla, mulher; Comblain – arma de fogo longa e antiga, de carregar pela boca; Costilhar – a parte da carne que cobre as costelas da rês, que é carne muito saborosa; Cruzeiro na cria – a cobra urutu em época de acasalamento; Cusco – cachorro campeiro; Embuçalado – com o buçal, enganado, iludido; Emulitar – alusão à mulita (tatu), esconder-se; Engrólio – trapaça; Enrestado – farto, saciado; Fachudaça – muito linda, bonita, formosa; Gangolina – ameaça de revolução, conflito; Gavionar – tornar-se arisco, fugir; Gravata colorada – alusão aos revolucionários de 1893; Grosear – limar os cascos; Gurupi – intrometido, alcoviteiro; Inquizilado – incomodado, zangado; Lindeira – vizinha; Manotear – coicear, dar golpes; Marca-borrada – alusão ao animal mal marcado a ferro em brasa, indivíduo velhaco, tramposo; Maula – ruim, de má índole; Morrudo – grande, corpulento; Munícios – gado de corte que ia à retaguarda das tropas em deslocamento, para alimentação; Osca – feia, escura, preta; Pandilha – bando, grupo; Pelegas – dinheiro; Picaço – o cavalo preto com patas brancas; Pinguancha – moça, rapariga; Quilnudo – com crinas abundantes; Relambório – banal, sem graça, comum; Retovado – forrado com couro, figurado: fingido, falso; Retrechar – andar devagar, lento, com preguiça; Schimitão – o revólver Smith&Wesson; Tamina – surra; Tapejara – guia de caminhos, vaqueano; Taura – valente, arrojado; Tenência – cuidado, precaução; Tilins das chilenas – o tilintar das esporas do tipo chilenas; Trabuzana – homem destemido, valente, brigador; Trafugueiro – tição, pai-de-fogo; Tremedal – pântano, atoladouro; Trompaço – choque, golpe, trombada; Truiscado – embriagado; Xerenga – faca velha;

Luiz Ernani Caminha Giorgis – Organizador – Delegado da AHIMTB/IHTRGS/RS  
lecaminha@gmail.com